

**A Construção da Memória de espaços:
Montes Claros apresentada pelas capas da coleção
sesquicentenária**

The Construction of the Memory of Spaces:
Montes Claros presented by the covers of the sesquicentenary
collection

*Rejane Meireles Amaral Rodrigues*¹

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em História Social. E-mail: rejane.meireles@gmail.com Professora do departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar como o conceito de cidade aparece nas fotografias que foram escolhidas para serem as capas dos livros da Coleção Sesquicentenária. Essa Coleção é uma coletânea de 15 títulos de livros de memorialistas que escreveram, em tempos variados, sobre assuntos, espaços e pessoas diversificadas sobre a cidade de Montes Claros. Assim, propomos aqui os seguintes questionamentos: Como as fotografias das capas da coleção Sesquicentenária apresentam Montes Claros? E como essas imagens constroem memória de cidade? Como metodologia de análise, comparamos as capas da coleção com as capas originais das obras, para observar se elas eram parecidas, e se nas primeiras apareciam o conceito de cidade. Esse exercício nos proporcionou entender que, nessas imagens, temos uma memória de cidade progressista, uma vez que registram espaços da área central de Montes Claros, onde o comércio é e era ativo e onde estão localizadas as instituições “progressistas” da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: fotografias; memórias; Montes Claros.

ABSTRACT

The present article aims to analyze how the city concept appears in the photographs that were chosen to be the book covers of the Sesquicentennial Collection. This Collection is a compilation of 15 book titles by memorialists who have written, at different times, about issues, spaces and a variety of people about the town of Montes Claros. Thus, we propose here the following questions: How do the photographs of the covers of the Sesquicentennial collection represent Montes Claros? And how do these images build a memory of the city? As an analysis methodology, we compared the collection's covers with the original ones, to observe if they were similar, and if the first ones showed the concept of the city. This exercise allowed us to understand that in these images we have a memory of a progressive city, since they register venues in the central area of Montes Claros, where business is and was intense and where the city's "progressive" institutions are situated.

KEYWORDS: photographs; memories; Montes Claros.

Introdução

Pensar espaços e memória de uma cidade é um desafio, principalmente se a pesquisa propõe analisar fotografias de uma cidade cujos espaços foram transformados de forma muito busca, no decorrer das décadas. O objetivo aqui é fazer uma análise das capas da Coleção Sesquicentenária, coleção esta composta de livros de memorialistas da cidade de Montes Claros-MG e cujas capas trazem fotografias de espaços da cidade de Montes Claros, de décadas distantes, temporalmente. Como caminho metodológico, analisar-se-á desde a caixa onde os livros são organizados e disponibilizados, passando pelas capas das obras, tanto as fotos que foram escolhidas para comporem as capas da coleção, como as originais da primeira edição de cada obra². Tal análise permitirá observar, como questão central, a evolução dos usos de espaços, as mudanças de comportamento por parte da população e, em alguns momentos, os sentidos de pertencimentos que guiam as vivências dos montes-clarenses.

A execução desta pesquisa se justifica pelo fato de que a cidade de Montes Claros, mesmo sendo a maior cidade do Norte de Minas³. Dessa forma, para se entender quando e como o conceito de cidade foi criado para espaços e práticas sociais e como estes foram se tornando memória, faz-se importante entender os sentidos, as disputas e os conflitos que permeiam tanto o conceito de cidade como o de memória. Assim, propomos aqui os seguintes questionamentos: Como as fotografias das capas da coleção Sesquicentenária apresentam Montes Claros? E como essas imagens constroem memória de cidade?

Essas perguntas serão lançadas à Coleção Sesquicentenária, que é uma coletânea de 15 títulos de livros. Essa coletânea foi organizada pela professora

² Isso é relevante, pois há também, nas capas originais, imagens de espaços de Montes Claros, no processo histórico de publicação das obras.

³ Tem como característica central modos de vida com uma íntima relação com o campo.

Marta Verônica Vasconcelos Leite⁴ quando esta compunha o grupo de profissionais responsáveis pela organização dos festejos do Sesquicentenário de elevação de Montes Claros à condição de cidade, em 2007. Essas comemorações foram organizadas pela Prefeitura de Montes Claros, durante a administração do prefeito Athos Avelino⁵, com várias parcerias, sendo uma delas com a Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, instituição onde a professora Marta trabalhava. A coleção é uma reedição de obras de memorialistas que foram publicadas em datas diferentes, a saber: Raízes de Minas, de autoria de Simeão Ribeiro Pires⁶; Rebenta Boi, de Cândido Canela⁷; Quarenta anos de sertão, cujo autor é Mauro Moreira⁸. Ruth Tupinambá Graça⁹ é autora de Montes Claros era assim... e Janela do Sobrado foi escrito por João Vale Maurício¹⁰. A Menina do Sobrado, de autoria de Cyro dos Anjos¹¹; Montes

⁴ Mestre em História, professora aposentada do departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros, artista plástica e escritora..

⁵ Prefeito de Montes Claros, com mandato entre 2004 e 2008, Partido Popular Socialista – PPS.

⁶ Simeão Ribeiro Pires nasceu em Coração de Jesus/MG, em 1919, filho do coronel Luiz Antônio Pires e de dona Maria Ribeiro Pires. Formou-se em engenharia civil em 1943 pela Universidade de Minas Gerais, o que não o fez perder o interesse pelos estudos históricos. Herdeiro da tradição política da família, Simeão foi candidato a prefeito de Montes Claros, sendo eleito em 1958. Intelectual, colecionador e pesquisador, escreveu os livros: “Raízes de Minas”, “Serra Geral: Diamantes, Garimpeiros e Escravos” e “Gorutuba: O Padre e a Bala de Ouro”. Participou do M documentário do “Centenário de Nascimento de Francisco Ribeiro dos Santos”, com Theophilo Ribeiro Pires.

<https://www.facebook.com/664312950333021/posts/3786372738127011/>

⁷ Compositor e poeta de músicas populares.

⁸ Infelizmente não conseguimos informações sobre esse autor.

⁹ Memorialista.

¹⁰ Nasceu em Montes Claros (MG), em 26 de abril de 1922, vindo das famílias Versiani-Maurício;

*Diplomou-se em Medicina (Belo Horizonte/MG), com especialização em Cardiologia;

*Pequeno fazendeiro; *Foi político (P.R.) por longos anos; *Perdidamente apaixonado por serenata, criou o Grupo de Seresta “Lágrimas ao Luar”;*Foi poeta, improvisador, cronista e contista.

*Teve cinco livros publicados: Grotão (Contos) – 1962 – Livraria Itatiaia; Taipoca (Contos e

Claros, sua história, sua gente e seus costumes – Parte I, II e III, de autoria de Hermes Augusto de Paula¹². Além dos já citados, temos: Montes Claros: breves

crônicas) – 1974 – Imprensa Oficial de Minas Gerais; Pássaro na Tempestade (Contos) – 1982 – Imprensa Oficial de Minas Gerais; Rua do Vai Quem Quer (Contos) – 1992 – 2ª edição: Armazém de ideias; Janela do Sobrado – Memórias – 1992 – 1ª edição – Editora Arapuim 2ª edição – Editora Unimontes, 2007;

Beco da Vaca - (Crônicas e “causos”) – 1999 – Editora Arapuim.

Títulos (Alguns):

*Academia Mineira de Letras; *Academia Montes-clarensis de Letras (Fundador); *Academia Mineira de Medicina (Vice-presidente); *Academia Municipalista de Letras; *Membro do Instituto Histórico de Medicina (Fundador); *Fundador e implantador do Ensino Superior no Norte de Minas (Governo Magalhães Pinto); *Secretário Estadual de Saúde (Governo Francelino Pereira); *Membro nato do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras; *Fundador do Prontocor de Montes Claros;

*Fundador de jornais, clubes sociais (Fundador e 1º Vice-Presidente do Pentáurea Clube) e entidades culturais; *Recebeu todas as medalhas de honorarias do Estado de Minas;

*Foi colaborador (Crônicas) na imprensa de Montes Claros.

<http://www.acadmedmg.org.br/ocupante/joao-valle-mauricio/>

¹¹ Cyro Versiani dos Anjos, conhecido como Cyro dos Anjos, nasceu em Montes Claros, Minas Gerais, no dia 5 de outubro de 1906. Passou a infância na cidade natal, fazendo os estudos de forma irregular enquanto auxiliava o pai e os irmãos no comércio da família. Em 1923, foi para Belo Horizonte. Em 1927 iniciou-se no jornalismo e no ano seguinte matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, concluído o curso em 1932. (...) jornalista, literato, e funcionário público e ocupou altos cargos junto ao governo de Minas Gerais.

https://www.ebiografia.com/cyro_dos_anjos/

¹² Cursou o primário no Grupo Escolar Gonçalves Chaves Montes Claros, o secundário no Colégio Arnaldo Belo Horizonte e no Instituto Granbery da Igreja Metodista Juiz de Fora. Diplomou-se em medicina em 1939 pela Faculdade Fluminense de Medicina - Niterói. Trabalhou no instituto Vital Brasil, onde foi assistente do Dr. Vital. Montou o primeiro laboratório de análises clínicas no Norte de Minas. Foi diretor-clínico da Santa Casa, membro do Conselho Consultivo da Associação Médica de Minas Gerais e fundador da regional Montes Claros, membro da Sociedade de Higiene de Minas Gerais, diretor-gerente do Instituto Antônio Teixeira de Carvalho (entidade de assistência à infância e à gestante), chefe da 5ª Delegacia Regional de Saúde, professor de higiene e puericultura da Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro (Montes Claros), médico do Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais - DER/MG, chefe do departamento médico e assistencial do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, idealizador, fundador e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Fundou e dirigiu por 16 anos o Grupo de Serestas João Chaves, época em que o Grupo gravou oito elepês. Era membro da Academia Montes-clarensis de Letras, da Academia Municipalista de letras de Belo Horizonte da Academia de Letras de Piracicaba -

apontamentos históricos, geográficos e descritivos (sic.) escrito por Urbino de Sousa Viana¹³; História Primitiva de Montes Claros, contribuição de Dário Teixeira Cotrim¹⁴. Há, ainda, as obras escritas por Nelson Viana¹⁵ que são: Foiceiros e vaqueiros, Serões Montes-clarenses e Efemérides Montes-clarenses – Parte I e II, sem esquecer a obra escrita sobre Nelson Viana de autoria de Haroldo Lívio¹⁶ Nelson, o personagem. Sendo um total de 16 livros, com 13 títulos, pois alguns títulos apresentam vários volumes. É importante também pensarmos o ano de 2007, uma vez que foi nesse ano que se comemorou o Sesquicentenário e foi lançada a coleção que iremos analisar neste artigo. Assim como aconteceu em 1957,¹⁷ em 2007, livros de memorialistas foram

São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do Instituto Genealógico Brasileiro. Entre as diversas obras, podemos citar como escritor, historiador e folclorista o livro Montes Claros, sua história, sua gente e seus costumes em que resgatou toda a história do município, desde os seus primeiros habitantes, em 1707 e os costumes de seu povo através dos tempos. Além deste, lançou Caderno de Modinhas, De Pe. Chaves a Pe. Dudu, A medicina dos médicos e a outra (editado pela UFMG). Foi condecorado com a Medalha de Honra de Montes Claros, Medalha da Inconfidência, Medalha Cultural Mário Dedini (Piracicaba), Medalha Vital Brasil (MG), Medalha Vital Brasil (SP), Medalhas Civitas-2007 (MG) Em memória (http://pt.wikipedia.org/wiki/Hermes_de_Paula).

¹³ A biografia de Urbino Viana o descreve como um homem que se relacionava com “pessoas ilustres”. José Lins do Rego é um exemplo das pessoas ilustres com quem Urbino se relacionava, o autor escreveu “O velho Urbino” (1946), após o falecimento de Viana. Também existia uma amizade pessoal entre Urbino e Capistrano de Abreu. Urbino Viana foi professor da Escola Normal de Montes Claros e agrônomo do Ministério da Agricultura, também em Montes Claros. Escrevia para os jornais da época, acreditamos que esse jornal era o “Gazeta do Norte”, devido à proximidade que tinha com o então Deputado Coronel Camilo Prates. (RODRIGUES, 2013: 41)

¹⁴ Advogado, escritor e memorialista.

¹⁵ “Poeta satírico e caricaturista, tem colaborado nos jornais locais em numerosas produções sob o pseudônimo de Gil Marcus. É fazendeiro e possui uma excelente biblioteca. Publicou o livro ‘Foiceiros e Vaqueiros’, uma formidável contribuição para a história e folclore de Montes Claros. Editou posteriormente ‘Chico Doido’- crônica sobre Montes Claros e Curvelo, ‘Efeméride Montes-Clarenses’, livro de grande utilidade. ‘Serões Montes-Clarenses’. Com um estudo sobre os barxes (sic.) do Norte de Minas”. Assim Hermes de Paula descreve Nelson Vianna. (PAULA, 2007: 271)

¹⁶ Memorialista, escritor e jornalista.

¹⁷ Em 1957, foi realizado em Montes Claros vários festejos para comemorar os 100 anos de elevação da vila à condição de cidade. Foram vários dias de festas e inaugurações e, nesse

incorporados às comemorações¹⁸.

A memória enquanto conceito: breves apontamentos

O conceito de memória¹⁹ é um conceito chave na construção de debates sobre cidades, pois as experiências de vidas, as imagens dos espaços, os

período, vários livros foram lançados, de memorialistas e historiadores que contavam a história da cidade até aquela data.

¹⁸ A diferença é que, no sesquicentenário, não foram lançados livros inéditos, e sim foram relançados livros de outras datas, organizados em uma coletânea, mas que, no nosso entendimento, também demarcaram um lócus de memória e reafirmam um conceito de cidade para Montes Claros.

¹⁹ São muitos os autores que discutem e enriquecem o debate acerca da Memória. Poderíamos mencionar inúmeros, mas iremos aqui fazer uma breve discussão a partir da produção de dois autores que pesquisam e discutem sobre Memória. Primeiro vamos dialogar com Michael Pollak, cujos textos nos possibilitam pensar acerca da identidade social, o processo de seleção da memória e as instâncias da memória individual e coletiva, com esses encaminhamentos podemos entender que a Memória é um fenômeno que podemos visualizar e analisar na instância da matéria, mas também nas relações entre pessoas e coisas, ou coisas e coisas e também pessoas e pessoas. Ainda segundo Pollak, podemos analisar a memória como elemento de projeção e transferência além do silêncio e esquecimento, a partir destes encaminhamentos, temos possibilidade de entender as trajetórias e relações de poder que perpassam os usos e evocações de memórias. Para contribuir um pouco mais com o que propomos, mencionamos aqui Joel Candau, cujo debate vem nos despertar sobre a relação da memória e identidade, tendo como ponto principal, no nosso entendimento, a reflexão sobre “o que um grupo consegue lembrar, ou o que prefere esquecer”, ou seja, o uso da memória como elemento de construção de identidade, além do presentismo, ou predominância do mundo contemporâneo que proporciona visualizarmos memórias múltiplas e confusas. Precisaríamos de muitas laudas para entrar nas minúcias desses autores a partir dos conceitos mencionados acima, mas optamos por fazer esta nota de rodapé, para sinalizar aos nossos leitores que o debate acerca da memória é plural e amplo. Assim, o conceito memória pode e deve ser analisado no plural e dialogando com os conceitos colocados pelos autores, por isso escolher se posicionar frente a esses autores é muito importante. Seguem as referências dos textos mencionados acima:

CANDAU, Joël. Memória e identidade / Joël Candau; tradução Maria Letícia Ferreira. - 1ed., 8º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

sentidos de pertencimento dos habitantes do local passam a ser organizados ou desorganizados dependendo de como a memória é difundida²⁰. Para articular e entender a proposta da pesquisa aqui apresentada, vamos então discutir memória a partir dos seguintes autores: Fernando Catroga (CATROGA,2015) e Pierre Nora (NORA, 1993).

Iniciaremos com Fernando Catroga (CATROGA,2015), para quem a memória, enquanto traço do passado, é um elemento resultante de seleções, sejam elas espontâneas ou manipuladas. As seleções despertam nostalgias em relação a quem aprecia o fato ou ao elemento rememorado, e esse sentimento “transita” nos dois tempos, entre o tempo retido pela memória e o tempo da apreciação da memória. Fernando Catroga (CATROGA,2015) nos convida ainda a pensar a relação entre memória e esquecimento, sendo que o recordado, para este autor, assemelha-se à metáfora do *Ice Berg*²¹, ou seja, o recordado como a ponta extrema que fica à vista na superfície da água e o não visível aos olhos, uma massa de gelo infinitamente maior que não é percebida²². O exercício, ou tentativa, de separá-los nem sempre tem resultado positivo, uma vez que, ao tentar dissociar do objeto/elemento/experiência rememorando os esquecimentos, muitas vezes chegamos ao âmago que sustenta o relembrado²³.

²⁰ E no caso de Montes Claros percebemos que ainda não há uma “definição” em relação à associação desta com o termo cidade. Já há algum tempo que nos debruçamos a discutir sobre como o conceito de cidade foi construído em Montes Claros e percebemos que esta “memória construída foi e é permeada de interesses”.

²¹ Assim, o que é visível aos olhos do elemento recordado é infinitamente menor do que o que está submerso no silêncio, no não visível ou no perceptivo. Dessa forma, o esquecido, ou esquecimento sobre o lembrado, seguindo a metáfora apresentada por Catroga, nos faz entender que não dá para dissociar o lembrado do não lembrado ou silenciado, ambos se complementam, estão intimamente juntos.

²² O referido autor ainda nos alerta: “A memória constrói o esquecido: que o ausente pode ser tão importante como o lembrado” (CATROGA, 2015:26), pois ambos, lembrado e esquecido, estão contidos no objeto/elemento/experiência rememorado.

²³ Vamos exemplificar para entenderem melhor, em um espaço público de uma cidade, como uma praça, na qual há um grande fluxo de pedestres e transportes automotivos, temos construções, sejam casas residenciais ou comerciais. O visível é o estético, o

Avançando mais nesse debate, considerando que o ato de recordar, ainda segundo Catroga, representifica (CATROGA, 2015:23), dá novo sentido, renova-se no processo histórico que relembra ou rememora o objeto/elemento/experiência. Temos aqui um novo momento no ato de rememorar, o tempo presente em que daremos um novo sentido, novo entendimento ou mesmo um novo simbolismo ao rememorado²⁴. Trazendo esse raciocínio para nosso objeto de pesquisa neste artigo, a memória temporaliza o território, ou seja, a memória concede uma “representificação” ao centro de Montes Claros, por meio das fotografias que compõem as capas da Coleção Sesquicentenária, transformando, assim, em campo simbólico, em patrimônio, as fotos que reportam aos espaços do centro da cidade de Montes Claros. Ainda cabe avançarmos mais nesse debate, pois a Coleção foi criada como elemento que compõe as comemorações dos 150 anos de elevação de Montes Claros à condição de cidade, aí nosso entendimento se encontra com o de Catroga, quando ele afirma: “passar da recordação vivida para a comemoração institucionalizada – domínio da repetição – comandada pelas políticas públicas” (CATROGA, 2015: 24), ou seja, as fotografias se tornaram domínio da repetição enquanto imagem, “comandadas pelas políticas públicas” ao serem apropriadas para estamparem as capas. Acrescido a isso, há o fato de que a coleção foi organizada em uma parceria entre a Prefeitura e a Universidade, duas instituições de forte produção de memórias.

perceptível aos olhos, mas os silêncios, no caso das residências, podemos entender os moradores, proprietários, principalmente moradores ou proprietários já falecidos. Se formos separar as residências dos seus moradores/proprietários falecidos, podemos cometer um engano, pois a casa com seus elementos (tipo de construção, materiais usados, estilo da fachada) é resultado das escolhas e gosto do proprietário/morador. Assim, mesmo este não sendo mais vivo, ele ainda “compõe” a história daquela casa, sendo ainda é importante mencionar, entender quem foi essa pessoa para entender e analisar a casa.

²⁴ Assim, a função social da memória, com suas liturgias próprias, traços, vestígios, executa sua função: a representificação que é uma nova experiência temporal, ou seja, dá um novo sentido, quando não associa novos elementos significativos ao tempo rememorado, a partir do tempo da observação atual.

Para pensarmos sobre os espaços de memória, vamos dialogar com Pierre Nora, no texto “Entre Memória e História: a problemática dos lugares” (NORA, 1993). Para esse autor, a memória nada mais é do que um grande movimento de abstrair do silêncio, do não visível, aquilo que temos necessidade de lembrar, de rever, de rememorar (NORA,1993:15). Assim, voltaremos ao debate dos parágrafos anteriores com Catroga, a memória está em constante embate com o silêncio, não há memória sem silêncio, e nem silêncio sem memória, ambos se alimentam mutuamente. E, para visualizarmos essa capacidade de rememorar, é importante termos “o que” ou “onde” rememorar, surgindo, assim, o ponto no qual Nora é enfático: a existência dos “vestígios”:

À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. (Nora: 1993,15).

Para Nora, esses vestígios são fundamentais, pois, sem eles, o passado se perde. No palpável, temos o material, nos momentos em que não se tem mais o todo, a integralidade do rememorado, mesmo que em fragmento, o material é um canal a outro tempo. Assim, este abre a possibilidade de criar e entender o símbolo, ou seja, o que significa, qual o sentido, ou mesmo qual é a nova imagem criada a partir do fragmento que sobreviveu, o que esse elemento produz? Essas questões nos ajudam a entender a função: o elemento rememorado tem função? Nora amplia nossa percepção para a questão das diversidades nesses elementos que compõem esses lugares de memória: “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos” (NORA: 1993, 21).

Essa diversidade, ou graus diferentes, dão os sentidos para o objeto/elemento/experiência, pois, se não forem sentidos, percebidos e usados

como possibilidade de recordação ou indagação de outro tempo cronológico, os lugares não serão entendidos como “lugares de memória”, e mais, se os pesquisadores não entenderem as diversidades apontadas por Pierre Nora, podemos correr o risco de cometer equívocos no processo de leitura e interpretação das fontes. Assim, entendemos que estamos lidando com fontes que apresentam, internamente, diversos níveis diferentes em relação à materialidade, aos signos simbólicos e à função, e que é justamente essa diversificação que faz de cada fonte, ou no caso desta pesquisa, de cada fotografia uma possibilidade única de entender “como as fotografias das capas da coleção Sesquicentenária apresentam Montes Claros? Constroem memória de cidade?”

História e Imagens

A História como ciência se vale de objetos que registram a vida humana para serem interrogados como fonte e, no processo de evolução da pesquisa histórica, a possibilidade de usarmos objetos distintos como fonte foi se ampliando até chegarmos à diversidade que temos hoje. A relação da História com a imagem e com a fotografia também se deu de forma gradativa, desde desenhos, pinturas até a fotografia, o uso e legitimação destas como fonte passaram por vários estágios e momentos, assim como a adequação a metodologias distintas para “ler” melhor as imagens (CADIOU, 2007). Para que o uso de fotografias se legitimasse enquanto fonte, foi necessário também uma adequação em relação à metodologia utilizada para ler essas fotografias com esse objetivo. Boris Kossoy nos convida a refletir sobre a bidimensão da imagem na fotografia, ou seja, o recorte espacial e a interrupção temporal, no texto “A imagem fotográfica: sua trama, suas realidades” (KOSSOY, 2009), quando afirma:

A imagem é a própria cristalização da cena representada na bidimensão da superfície em que se forma. A imagem fotográfica contém em si o registro de um dado fragmento selecionado do real: o assunto (recorte espacial) congelado num determinado momento de sua ocorrência (interrupção temporal). (KOSSOY, 2009:29)

Ou seja, o espaço em que se compõe a fotografia e o tempo em que aquela imagem foi retratada, o dia, mês ou ano, que estão ali registrados são os componentes que possibilitam o historiador a “ler, interpretar ou indagar”. Aquele processo histórico, em outro tempo, ou vários historiadores em vários tempos distintos, podem renovar suas teses e questionamentos a partir de um mesmo conjunto de fotografias ou a mesma fotografia (BORIS, 2009: 42). Esse exercício de ler e decodificar as imagens fotográficas, assim como acontece com outras fontes usadas pelos historiadores, também vem através do lugar social do historiador, ou seja, a ideologia, a cultura, a ética e outros elementos (BORIS, 2009: 44) estão contidos nas perguntas que o historiador lançará às fotos, serão elementos basilares nas interpretações e no alcance dos objetivos e, principalmente, estão presentes nas conclusões a que o historiador chegará ao final da pesquisa²⁵.

Contudo, quando pensamos nas particularidades da fotografia como fonte, temos que nos voltar para as particularidades do objeto, o que é ou quais são os elementos que compõem uma fotografia²⁶? Para dialogar mais

²⁵ Estamos trazendo essas observações para deixar claro que, no nosso entendimento, o caminho metodológico da pesquisa com fotografias tem suas particularidades, mas, ao mesmo tempo, não foge ao caminho central que a História como ciência solicita em relação ao trabalho com qualquer fonte histórica, e que o lugar social de fala do historiador, com a pesquisa com fotografias, é tão importante como com outras fontes.

²⁶ Novamente, vamos recorrer a Kossoy para fazermos essa reflexão. Segundo esse autor, temos, nas fotos, a possibilidade de rememorar, moldar nossos comportamentos, ou consumir produtos ou serviços, ou até mesmo despertar desejos e fantasias por meio das imagens fotografadas (BORIS, 2009: 45).

profundamente, vamos nos ater ao ponto do rememorar, pensar e analisar as fotografias das capas da coleção enquanto elementos de memória sobre Montes Claros, como cidade, em outro processo histórico. E, assim, como já dito anteriormente, o nosso lugar social de fala virá à tona²⁷ nesse exercício, nós já pesquisamos, a partir de literatura, cultura popular e imprensa. Nesse exercício de pesquisar e analisar essas fotografias, iremos nos deixar guiar pelos ensinamentos de Kossoy, quando este afirma:

É o confronto entre a realidade que se vê: a segunda realidade (a que se inscreve no documento, a representação) através de nossos filtros culturais, estéticos/ideológicos – e a realidade que se imagina: a primeira realidade (a de fato passado), recuperado apenas de maneira fragmentária por referências (pleno de hiatos) ou pelas lembranças pessoais (emocionais). Há, pois, um conflito constante entre o visível e o invisível, entre o aparente e o oculto. Há, enfim, uma tensão perpétua que se estabelece no espírito do receptor quando diante da imagem fotográfica em função de suas imagens mentais. (BORIS: 2009, 47)

Quando pensamos em discutir a história das cidades, as imagens que são construídas sobre espaços que compõem as cidades são grandes aliadas para questionarmos o passado. Mais que mensagens visuais, as fotografias são carregadas de lembranças, informações e pessoas que, geralmente, não encontramos em outras fontes. É interessante partimos do ponto que “assim como ocorreu o retrato, os álbuns fotográficos foram os primeiros difusores da imagem de cidade do século XIX” (LIMA & CARVALHO, 2012: 33). Na evolução da nossa pesquisa aqui apresentada, trabalharemos com um conjunto

²⁷ Nesse confronto entre a realidade de fatos passados e a realidade que se vê, colocaremos nossas vivências adquiridas morando na cidade de Montes Claros, ora reconhecendo alguns lugares e construções, ora garimpando no que for possível, a partir da nossa realidade de pandemia, informações para decifrar e reconstituir informações sobre a realidade apresentada pela foto. Contudo, sempre nos atentaremos ao fato de que temos em mãos uma imagem enquadrada naquela foto e uma lembrança registrada no filtro da nossa memória.

de fotos, cuja história não conseguimos apurar, por motivos da pandemia de COVID- 19²⁸. A “história da fotografia, como foi tirada, em qual lugar o fotógrafo estava quando tirou, qual era sua intenção ao fazer aquele registro fotográfico não foi possível levantar por falta de fontes que nos informem sobre as fotos”, mas a contribuição desse conjunto de fotos para pensarmos Montes Claros é enorme, sendo exatamente nesse ponto que pretendemos discutir, analisar e responder ao problema de pesquisa deste artigo. Assim, passaremos agora à análise das capas.

Montes Claros pelas capas da coleção Sesquicentenária

Como anunciado desde o início deste texto, analisaremos as capas da coleção Sesquicentenária, com o objetivo de entender “como as fotografias das capas da coleção Sesquicentenária apresentam Montes Claros? Constroem memória de cidade?”²⁹. Quando possível, faremos um paralelo da realidade retratada na fotografia com os dias de hoje³⁰. Ainda como metodologia de análise, vamos comparar as capas com as contracapas dos livros, uma vez que todos os volumes apresentam a capa com fotografias e como contracapa temos as capas originais dos livros, que foram preservadas.

Fazer um exercício de análise e desconstrução de conceitos é sempre, para um historiador, um caminho que requer cautela e paciência³¹. O primeiro

²⁸ Desde 2020, os arquivos locais estão fechados, e este texto foi produzido no decorrer desses meses. Infelizmente, em função da pandemia de COVID-19, não foi possível ter acesso a documentos importantes para nossa pesquisa.

²⁹ Essas perguntas, que aparentemente são simples, trazem consigo a possibilidade de entendermos o olhar do fotógrafo, em relação a determinados espaços da cidade de Montes Claros, em outros tempos e como estavam esses espaços naquela época

³⁰ Dissemos que “quando possível”, pois, em alguns lugares, ocorreram transformações tão radicais que tais comparações são impossíveis de serem feitas.

³¹ Todos os elementos que nos dão pistas de outros processos históricos são importantes para refletirmos os resquícios do passado que se apresentam ali, e que foram construídos

elemento que entendemos ser relevante para tal análise é o visível, no qual temos registrados esses resquícios do passado. Nesse caso, como iremos analisar as imagens que compõem as capas dos livros de uma coleção, iremos questionar todos os elementos possíveis, a começar pela caixa que foi especialmente criada para aloca-la. Depois, analisaremos a capa de todos os livros, o objetivo deste primeiro momento é entender a construção imagética da coleção, a partir de espaços da cidade de Montes Claros.

Os livros foram disponibilizados em uma caixa de papelão³², onde as obras são organizadas em sequência, do número um ao dezesseis (imagem 1). Nas duas laterais principais da caixa, temos: o desenho do selo³³ que foi criado para referendar todos os eventos dos festejos de 2007 (imagem 2) e, na outra, os títulos dos livros que compõem a coleção, definidos pelos respectivos números, dando uma ideia de sumário (imagem 3). Além disso, abaixo, ainda nessa mesma lateral, há as logomarcas da Nestlé, Prefeitura Municipal de Montes Claros e Unimontes, todas foram parceiras no patrocínio da organização da referida coleção. Nas outras duas laterais, não há qualquer tipo de desenho ou descrição. É importante explicar que a coleção é composta por dezesseis livros, mas são treze títulos, pois a obra “Montes Claros sua História sua gente e seus costumes” são 3 livros divididos em parte I, II e III e “Efemérides Montescclarenses” são 2 livros, partes I e II.

em processos históricos que não vivemos mais, e nos relatam espaços, ações e mentalidades que estão distantes da nossa realidade.

³² Caixa feita de papel grosso, com textura dura, em cor natural da confecção do papel.

³³ Desenho da Igreja do Senhor do Bonfim, localizada no alto dos Morrinhos, bairro que fica em um morro, de onde é possível ver toda a cidade de Montes Claros.

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



As capas são um espaço interessante para se pensar a cidade de Montes Claros. Na versão da Coleção, todas têm fotografias de lugares ou panoramas de lugares do centro da cidade³⁴. Abaixo, vamos analisar todas as capas dos livros, sendo que iremos comparar as da coleção e as originais das obras que foram preservadas para, além de pensar as diferenças entre elas, buscar também perceber os locais de Montes Claros que foram registrados enquanto possibilidade de memória por parte do fotógrafo³⁵. Metodologicamente, não fizemos um exercício pautado em outros trabalhos acadêmicos já realizados, propomos fazer a comparação entre as duas capas (a original e a construída para a coleção) simplesmente com o intuito de discutir a construção de memórias sobre espaços da cidade de Montes Claros. Essa análise será feita pela sequência numérica em que as obras foram organizadas na caixa.

³⁴ Comparando com as imagens das capas originais dos livros, algumas também retratam espaços da cidade ou de instituições, como igrejas católicas, por exemplo.

³⁵ O fotógrafo Serafim Facella registrou muitas imagens sobre a cidade na década de 1920. Infelizmente, em função da Pandemia de COVID-19, não conseguimos estender nossa pesquisa para entender melhor o lugar social de “registro” deste. Entretanto, pelo pouco que temos conhecimento, percebemos que o olhar dele era voltado para os espaços que reafirmavam Montes Claros enquanto cidade, principalmente pelo fato de que ele fotografava no auge da chegada da ferrovia à cidade.

Tabela 1

Espaço/ primeira capa	Espaço/ capa da coleção	Obra e autor Análise
		<p>Obra: <u>Montes Claros sua História, sua gente, seus costumes (Partes I, II e III)</u> Autor: <u>Hermes de Paula</u> Conceito: Campo e cidade</p> <p>Na capa da Coleção Sesquicentenária, trata-se de um dos ângulos da Praça Doutor Carlos. A fachada principal na foto é a frente do Mercado Municipal, conhecido atualmente como “Mercado antigo”, esse prédio foi demolido em 1971. A outra fachada que aparece ao lado esquerdo tem, no primeiro piso, um estabelecimento comercial, porém, pela distância em que a foto foi tirada, não dá para visualizar o nome do estabelecimento e, considerando que esse prédio já foi demolido, a identificação do comércio da foto ficou muito difícil. Muito discretamente, é possível visualizar a torre principal da Igreja Catedral entre as duas construções. Interessante que, na atualidade, da praça Doutor Carlos é impossível visualizar essa torre, devido à grande quantidade de prédios que foram construídos nas ruas circunvizinhas, entre a referida praça e a igreja. Já na capa original do livro, temos um grande violão se destacando, fazendo referência às serestas, das quais o próprio autor fazia parte, um tropeiro com uma canga de lenha de mulas carregadas, um conjunto</p>

		<p>de casas estilo colonial brasileiro. Ao fundo, existe uma imagem de uma construção que remete a uma indústria, um galpão, contrastando com o conjunto de casas, o que não nos causou surpresas, pois essa obra foi construída para compor as comemorações dos festejos do Centenário da Cidade e, pelo que constatamos até aqui na nossa pesquisa, Hermes de Paula era um entusiasta do conceito de cidade progressista que se queria. Esse livro é de 1957, lembrando que essa obra tem três volumes, o que faz com que ela ocupe os números 1, 2 e 3 na coleção. As três capas dessa trilogia da coleção Sesquicentenária têm a mesma foto, assim como acontece nos volumes da versão original, já as contracapas da nova versão, são as capas originais da obra.</p> <p>Outro detalhe importantíssimo para nossa pesquisa é o fato de que essa obra foi produzida para compor os festejos do Centenário de Montes Claros. Em 1957, a então administração promoveu vários dias de festas e comemorações para celebrar o dia 03 de julho em Montes Claros. Nessa ocasião, muitas obras urbanas foram inauguradas e muitos eventos aconteceram, e houve também o lançamento de algumas obras de memorialistas, poesias e literatura regional, e essa obra recebeu destaque por trazer fatos, nomes e informações sobre tradições e lendas da cidade de Montes Claros. Ela se</p>
--	--	---

		<p>tornou o livro oficial dos festejos e, conseqüentemente, passou a ser a obra de referência histórica da cidade.</p>
		<p><u>Obra: Efemérides Montes-clarenses – (partes I e II)</u> <u>Autor: Nelson Vianna</u> Conceito: Cidade</p> <p>Pela numeração da Coleção, esses são os livros de número 04 e 05, sendo também os dois volumes com capas iguais. A capa da Coleção traz uma imagem panorâmica do que era o centro da cidade de Montes Claros nos anos 1950 ou 1960, uma vez que o prédio do Mercado Antigo ainda aparece na foto, e este foi demolido em 1971. Para fazermos a análise da foto, fixamo-nos no prédio que aparece mais e que tínhamos conhecimento, nesse caso, novamente o prédio do “Antigo Mercado”. À sua frente, localizamos a praça Doutor Carlos, e uma coisa nos chamou a atenção: a quantidade de táxis estacionados em uma das laterais da praça, dando indícios de uma grande movimentação de pessoas pelos carros de aluguel nesse período. Outro ponto que nos chamou a atenção foi a quantidade de residências ainda existentes no centro que aparecem na foto. Já era significativo o número de estabelecimentos comerciais, mas a quantidade de imóveis que, visivelmente, são residência era muito considerável.</p> <p>Já a capa original apresentou apenas o título da obra, porém</p>

		<p>há uma segunda capa, esta, aos nossos olhos, está mais chamativa, pois consta nela, além o nome do autor, sua credencial junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais – IHGMG, a data em que o texto abarca com suas informações (1707-1962) e o brasão de Montes Claros. Esse livro é de 1964.</p> <p>Como se trata de um livro de efemérides, ou seja, um livro que descreve, diariamente, acontecimentos considerados importantes em uma data, seria um calendário de 01 de janeiro a 31 de dezembro com descrições diárias de acontecimentos considerados importantes para aquela cidade. Percebemos que a foto escolhida para ser a capa da coleção dessa obra retrata uma panorâmica da principal praça da cidade, que já nesse momento do “click” tinha uma importância comercial, pois a imagem do Mercado Municipal é nítida na foto. Associando o interior da obra à foto, entendemos que a construção de memórias das informações da obra é associada aos espaços considerados o coração da cidade de Montes Claros.</p>

		<p><u>Obra: Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos</u> <u>Autor: Urbino Vianna</u> Conceito: Cidade Com a fachada da Igreja Matriz de São José e Nossa Senhora bem em destaque, temos o livro de número 6 da coleção. A fotografia escolhida para ser a capa da obra de Ubino Vianna traz, além da Igreja, uma visão ampla da praça em frente à Igreja. É interessante que quase não se vê o coreto, pois ele se confunde com a vegetação existente, e as árvores estão pequenas, dando a impressão de terem sido plantadas há pouco tempo. Nota-se também o conjunto de casas antigas, do que hoje é a rua Doutor Veloso, na lateral direita da praça. Já a obra original é datada de 1960, cuja capa original traz apenas o título da obra, o nome do autor e uma credencial: “Mestre de Cultura do Estado de Minas Gerais” pesquisador do folclore norte-mineiro, ocupou cargo ligado à educação em Minas Gerais.”</p>
		<p><u>Obra: Foiceiros e Vaqueiros</u> <u>Autor: Nelson Vianna</u> Conceito: Campo e cidade O sétimo livro traz uma obra de Nelson Vianna, autor já apresentado, intitulada Foiceiros e Vaqueiros, publicada em 1956. Na capa da coleção, temos uma foto do busto de Francisco Sá, ministro de viação e obras públicas que, em 1926, inaugurou a linha férrea em Montes Claros. Esse busto está localizado na Praça</p>

		<p>da Estação. É interessante que a imagem retratada é de Francisco Sá virado para o centro da cidade e de costas para a estação, com a mão direita erguida como se apresentasse a cidade aos que nela chegavam via trem. À sua frente, está a avenida que também leva seu nome e, ao final da avenida, está a Catedral de Montes Claros. Já a capa original, apresenta ao centro, temos a imagem de um vaqueiro montado em um cavalo com uma corda em um pasto e, ao fundo, um monte, geografia bem peculiar regional. A escrita do título também chamou nossa atenção, pois, na palavra foiceiros, o “F” foi substituído pelo desenho de uma foice, e a palavra vaqueiro, no lugar do “V” apresenta um dos lados de um chifre de boi. Na contracapa, há a informação que esse desenho foi feito pelo próprio autor, Nelson Vianna. É interessante observar que a capa da coleção apresenta o progresso, o espaço registrado é a praça da estação, local que se desenvolveu, nos anos 1930 e 1940, depois da instalação da ferrovia nesse local, enquanto que a capa original faz menção ao campo, ao rústico, ao sertão.</p>


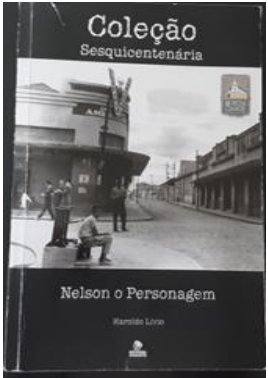
		<p><u>Obra: Janelas do sobrado: memórias.</u> <u>Autor: João Valle Maurício</u> <u>Conceito: Cidade</u> João Valle Maurício é o autor da oitava obra escolhida para a coleção. Uma grande fachada com várias janelas é a imagem da capa da obra "Janelas do Sobrado: memórias". Esse casarão ainda está em uso no centro de Montes Claros, atualmente, é a sede da Secretaria da Cultura da cidade, é localizado em um espaço que foi revitalizado há alguns anos, sendo que, ao lado dele, há outro casarão, no qual, hoje, está situado o Museu Regional do Norte de Minas. A capa original traz uma armação de uma janela de madeira, típica do norte de Minas de antigamente, e o livro foi publicado em 1992. Quanto ao enredo da obra, são recortes de manchetes publicadas em jornais locais, escritas por João Valle Maurício.</p>
		<p><u>Obra: Montes Claros era assim...</u> <u>Autor: Ruth Tupinambá Graça</u> <u>Conceito: Cidade</u> A capa escolhida para a Coleção Sesquicentenária traz a fachada do Salão Episcopal, construído em 1914, localizado na Praça da Matriz. No ângulo da praça, podemos ver um pequeno lago e, ao lado, há uma casa residencial. Em 1979, foi construído, no lugar dessa casa, o Centro de Cultura Hermes de Paula, que tem uma biblioteca municipal e um salão de exposições, além de um</p>

		<p>pequeno teatro. A capa original conta uma estreita rua, com dois tropeiros, uma junta de bois e uma mula carregando objetos em uma bruaca. Esse é o livro de número 9. A data da primeira edição é 1986 e a autora é Ruth Tupinambá Graça.</p>
		<p><u>Obra: Rebenta Boi</u> <u>Autor: Cândido Canela</u> Conceito: Cidade Rebenta Boi é o livro de autoria de Cândido Canela que traz uma foto da fachada da Estação Central do Brasil de Montes Claros. A foto apresenta somente a fachada com um longo telhado. A Capa original apresenta apenas o título, mas, na contracapa, fala-se sobre um desenho de Konstantin Cristoff (Médico e cartunista). Esse é o livro de número 10 da caixa e sua primeira edição é de 1958.</p>
		<p><u>Obra: Quarenta anos de Sertão</u> <u>Autor: Mauro Moreira</u> Conceito: Cidade A foto da capa da coleção Sesquicentenária do livro de número 11 apresenta uma visão ampla de telhados de residências e casas comerciais do centro da cidade. Pelo ângulo e pela descrição da Farmácia Americana, nota-se que a foto foi tirada da torre do antigo mercado ou do espaço chamado de Cimentão. O que chama a atenção é a torre e uma parte da fachada da igreja do Colégio Imaculada Conceição. A capa original traz um desenho de uma igreja que, pela arquitetura, associamos à antiga que existia na Praça Portugal, a</p>

		<p>qual foi derrubada para dar lugar à que existe atualmente. Interessante que, no desenho da capa original, temos um morro com uma cruz no topo, e, pensando na geografia local, não identificamos nenhum morro no horizonte da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde é realizada a festa de devoção a São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Divino Espírito Santo, conhecida como Festas de Agosto. A data da edição do primeiro volume é 1976.</p>
		<p>Obra: Raízes de Minas Autor: Simeão Ribeiro Pires Conceito: Cidade</p> <p>A obra Raízes de Minas, de autoria de Simeão Ribeiro, consta na coleção e faz referência ao período colonial norte-mineiro. Esse livro é o de número 12 e tem na capa da coleção a fachada da Igreja dos Morrinhos, com o Cristo Redentor e a cruz. É interessante que é possível perceber que, na cruz, estão afixados vários objetos. Alguns não foi possível identificar, mas uma escada pregada à cruz está visível, existe também um mastro erguido à frente da porta principal da igreja. Outra curiosidade é uma construção à esquerda da igreja e, ao fundo, é possível ver umas das caixas d'água da COPASA – Companhia de Saneamento de Minas Gerais. Já a capa original traz um mapa que define os limites das capitânicas de Pernambuco e Bahia, um recorte de um mapa colonial</p>

		com nomes de localidades do Norte de Minas. A data da primeira edição é 1979.
		<p><u>Obra: Serões Montesclarenses</u> <u>Autor: Nelson Vianna</u> Conceito: Cidade Obra publicada em 1962, traz na capa da coleção uma imagem tirada de um lugar mais alto, onde é possível ver nitidamente a fachada da igreja Matriz e, à sua frente, um amplo espaço em que, hoje, é a praça da Matriz. Provavelmente, na época em que foi tirada a foto o nome desse espaço era Largo da Matriz. Há também vários telhados de casa residenciais e muitos pomares. É possível perceber também uma esquina, porém não conseguimos localizar de qual esquina se trata e, nesta, há alguns transeuntes. Essa identificação se tornou mais difícil, quando nos lembramos de que, em outros tempos, fizemos uma pesquisa sobre o centro de Montes Claros, e nela descobrimos que a configuração que conhecemos hoje foi feita pós-início dos anos 1960, quando a cidade recebeu incentivos da SUDENE para implantação de empresas e, no espaço central da cidade, becos foram derrubados para darem início à abertura de ruas, ou seja, ruas que não existiam na década de 1950 passaram a existir a partir dessa reestruturação do centro. Logo, percebemos que a foto utilizada traz configurações de antes da década de 1960 e, por isso,</p>

		<p>afirmamos a dificuldade em identificar a esquina que aparece na foto.</p> <p>A capa original do livro também traz a fachada da Igreja Matriz, com o cruzeiro à sua frente, um carro de boi com um homem sendo transportado e o coreto da praça, duas mulheres que atravessam a praça, além de um conjunto de casas. Esta é a obra de número 13.</p>
		<p><u>Obra: A menina do sobrado</u> <u>Autor: Cyro dos Anjos</u> Conceito: Cidade</p> <p>A menina do sobrado de Cyro dos Anjos não poderia ter outra capa senão a imagem da fachada do sobrado onde a história se passa: O casarão dos Oliveiras, como é conhecido esse prédio. Esse casarão está localizado em umas das esquinas da praça da Matriz. Na capa original, temos uma rua com três casas ao fundo, sendo que, na do meio, temos a imagem de uma menina em uma varanda olhando para a rua. Assim são as capas do livro de número 14 da Coleção. A data da primeira edição da obra é 1979.</p>
		<p><u>Obra: História primitiva de Montes Claros</u> <u>Autor: Dário Teixeira Coutrim</u> Conceito: Cidade</p> <p>Essa capa foi uma das que mais chamou nossa atenção. O livro é o de número 15 da Coleção, com o título "História primitiva", sendo representada pela imagem da fachada da casa que, durante muitos anos, foi considerada a mais antiga da cidade. Ou seja, os primórdios</p>

		<p>de habitação da cidade. Já a capa original traz um conjunto de casas antigas com um largo ao meio, um cruzeiro e o que acreditamos ser a imagem de uma igreja, pelo desenho quase afirmamos se tratar da Praça da Matriz, pois foi nesse espaço que a cidade de Montes Claros começou a se desenvolver. A data da primeira edição é 2003.</p>
		<p><u>Obra: Nelson o personagem</u> <u>Autor: Haroldo Lívio</u> Conceito: Cidade Nesse livro fazemos uma análise diferenciada dos anteriores. O último livro da Coleção, número 16, de autoria de Haroldo Lívio, foi publicado em 1995. Nessa capa há uma foto de uma esquina do centro da cidade de Montes Claros, com a fachada de uma drogaria chamada Americana. Pela imagem, foi possível identificar que essa drogaria ficava localizada na rua Camilo Prates, esquina com Doutor Carlos, ou seja, uma das esquinas da Praça Doutor Carlos. Essa é a imagem escolhida para compor a capa da edição publicada na coleção Sesquicentenária. Como já identificado nas capas apresentadas anteriormente, as capas de todos os volumes são padronizadas na cor preta, contendo acima da foto o título da coleção: “Coleção Sesquicentenária”. Na foto, temos o selo criado pela Prefeitura com a imagem da Igreja dos Morrinhos (escolhida para ser a imagem dos festejos do sesquicentenário), abaixo da foto, sempre temos o título da</p>

	<p>obra e o nome do autor e, finalizando, o slogan da Editora Unimontes. Na capa original do livro “Nelson o personagem”, temos a fachada do antigo mercado municipal que ficava localizado na rua Doutor Santos, em frente à Praça Doutor Carlos. É interessante perceber que as duas capas apresentam o mesmo lugar, no entorno da praça Doutor Carlos, porém em momentos diferentes. Não foi possível determinar a data da foto de capa da edição mais antiga, mas esse registro foi feito antes da demolição do prédio do antigo mercado, que se deu em 1971. Já a imagem da edição que compõe a coleção sesquicentenária, provavelmente, é do final da década de 1970. Isso reforça a memória sobre a praça Doutor Carlos, pois, como no entorno desta praça existem vários estabelecimentos comerciais, atrai muitas pessoas que a atravessam durante o dia, acrescentando o fato de que todas as linhas de ônibus coletivo que circulam pela cidade têm parada para embarque e desembarque nessa praça.</p>
--	--

Abaixo vamos apresentar o convite feito para o evento, onde ocorreu o lançamento da Coleção Sesquicentenária. Apesar de não ser uma capa, o convite seguiu o padrão das capas e apresenta uma fotografia de espaço da cidade³⁶.

³⁶ Vale ressaltar que a imagem escolhida foi a mesma da capa da obra de Hermes de Paula,

Imagem 4



Essa última imagem no fez pensar no significado da praça Doutor Carlos para Montes Claros. Como já apontamos, é um espaço de muita circulação de pessoas, onde existem muitos estabelecimentos comerciais e ainda, em dias de manifestações sociais, geralmente a reunião começa ou termina nessa praça. Sem contar a utilização desse espaço por hospitais, ONG's, ou mesmo por instituições da administração pública quando precisam fazer alguma campanha de diagnóstico ou prevenções de doenças.

O que primeiro chamou nossa atenção foi o fato de que as capas originais, na sua maioria, não trazem imagens, mas apenas os títulos das obras, diferente das capas da coleção, que todas são compostas por fotografias. Depois da observação de cada capa da coleção e das originais, percebemos que as fotos “registraram” com mais frequência os espaços da Praça da Matriz e da praça Doutor Carlos (são 4 capas com imagens da Igreja ou Praça da Matriz, 4 da praça Doutor Carlos, 2 da região da Estação Ferroviária e 3 de outros espaços), mesmo que em períodos diferentes. A Praça da Matriz é conhecida como sendo o local onde Montes Claros se iniciou, as primeiras construções, a igreja mais

referenciando, mais uma vez, a memória deste como o escritor do Centenário e autor da obra que abre a Coleção Sesquicentenária e convida a população para o lançamento.

antiga, enquanto que a Praça Doutor Carlos é um espaço de passagem, com comércio no entorno, e onde, em outros tempos, abrigava o Mercado Municipal. Sem esquecer a região da Estação Férrea, que foi símbolo de progresso em Montes Claros, na década de 1920, com a chegada da linha férrea. Assim, esses eram – e alguns continuam sendo – espaços de centralidade de poder.

A recorrência da imagem desses três espaços nos faz dialogar com Catroga novamente, quando este afirma que “a memória e o esquecimento se exigem reciprocamente” (CATROGA, 2015: 20), assim, rememorar em excesso uma imagem e, ao mesmo tempo, não dar visibilidade a outras imagens que têm relação com esta excessivamente rememorada, promove no fenômeno da memória uma ancoragem e uma centralidade de poder que se torna referência sobre o tema abordado, ou seja, falar daquele assunto em termos de memória/imagem é constante e, automaticamente, falar daquela imagem que “se tornou” memória. Assim, respondendo às perguntas que orientam nosso debate neste artigo – “Como as fotografias das capas da coleção Sesquicentenária apresentam Montes Claros? E como essas imagens constroem memória de cidade?” –, responderemos de trás para frente, sim, as imagens constroem uma memória de cidade, ao dar mais visibilidade à Praça da Matriz e à Praça Doutor Carlos, mostrando a junção entre religião e comércio que norteia tanto o discurso dos memorialistas como o imaginário que circula pela oralidade, através das lembranças dos tropeiros e das manifestações religiosas populares que são comuns entre os moradores. Apresentam, de certa forma, como uma cidade transita entre o campo e a cidade, mas reafirma o progresso em muitas imagens, gerando a sobreposição do espaço urbano ao rural. Dentre as capas analisadas, 11 expressam cidade e apenas 2 campo e cidade. Dessa forma, entendemos que a imagem de cidade foi intensificada, consagrada, cristalizada pelos conjuntos de fotografias, ressignificando o que era entendido ser cidade em Montes Claros, em 2007, pois a opção e escolha dessas imagens se

deram nesse processo histórico, logo, o olhar para o passado foi direcionado por esse período cronológico, pelo que era o centro da cidade nesse período, mostrando uma cidade progressista, referência do Norte de Minas, em todos os sentidos.

Considerações finais

A questão central desta pesquisa girou em torno de entender a evolução dos usos de espaços e o sentido de pertencimento que guiam as vivências dos montes-clarenses a partir de algumas fotografias que foram escolhidas para ilustrarem as capas dos livros da Coleção Sesquicentenária. O que apuramos depois de analisar as capas é que os espaços mais frequentados (tais como praças, ruas, pontos de chegada ou partida como a Estação Férrea ou o mercado da cidade) são referências para a população como sentido de pertencer à cidade de Montes Claros. A repetição da imagem desses locais reafirma e alimenta a lembrança de pessoas quanto a vivências em tais espaços, além de instigar lembranças de espaços nas imediações dos retratados pelas fotografias.

No que diz respeito aos usos, percebemos que esses espaços ainda mantêm a utilidade que visualizamos pelas fotografias, mesmo considerando que, em alguns casos, tenham se modernizado com a inserção de tecnologia ou mesmo tenham ganhado novas estéticas visuais. Tratando-se das fachadas, foram as seguintes constatações: com exceção das fachadas do mercado, que aparecem na capa da trilogia “Montes Claros, sua História, sua gente e seus costumes”, e da casa que aparece na capa do livro “História Primitiva de Montes Claros”, que foram demolidas, as demais casas estão preservadas como aparecem nas fotografias. Estas são definidas na atualidade como sendo o conjunto de casas “da região Histórica de Montes Claros”, conhecidas no senso comum como o espaço histórico da cidade.

A análise que ora apresentamos partiu de leituras e debates sobre História Social, mas, em termos de contribuição, entendemos que podemos dialogar não somente com professores, acadêmicos e pesquisadores da área de História, mas também com análises da Geografia, da Literatura e com a História da Educação em Montes Claros, uma vez que, em todas as áreas citadas, existem interdisciplinaridade com o conhecimento e com as fontes que são abordadas pela História. É notório, ainda, o fato de que há uma possibilidade de usar as reflexões aqui feitas como forma de estimular a pesquisa sobre o espaço, a memória acerca de memorialistas e literatos, e, no caso de História da Educação, entender como essas obras e imagens contribuem para a compreensão da história sobre Montes Claros e como essa história local pode ser estudada nas escolas da cidade.

Por fim, a partir das perguntas que nortearam nossa análise – “Como as fotografias das capas da coleção Sesquicentenária apresentam Montes Claros? E como essas imagens constroem memória de cidade?” –, percebemos que a quantidade de capas que retratam espaços que são comerciais e remetem à cidade e progresso é majoritária no conjunto de fotos. Além disso, notamos que os sentidos de pertencimento perpassam por imagens e, nesse caso, o conjunto de fotografias constrói uma memória que alimenta a identidade social local e, assim, remetendo a Montes Claros urbana. Portanto afirmamos que essas capas são uma importante fonte de construção e disseminação do sentido de ser montes-clarense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (orgs.). **Outras Histórias: Memórias e Linguagens**. São Paulo: Olho D'Água, 2006.

BORIS, Kossoy. **A imagem fotográfica: sua trama, suas realidades**. In:

Realidades e ficções na trama fotográfica. 4ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. - 1ed., 8º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

CADIOU: François (et al). **História e Imagem**. In: Como se faz a História: historiografia, método e pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

LOPES, Marcos Felipe de Brum. & MAUAD, Ana Maria. **História e Fotografia**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

LIMA, Solange Ferraz de. & CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografias: usos sociais e historiográficos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. & LUCA, Tânia Regina de. *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

PIERRE, Nora. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: EDUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, N. 10, dez. 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RICOEUR, Paulo. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, R. M. A. **Nelson Vianna e a construção da memória de cidade em Serões montesclarenses**. In: 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil. 2019, Recife. Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil. Recife: Associação Nacional de História: ANPUH, 2019.

RODRIGUES, R. M. A. **Hospedaria e Farmácia: a cidade de Montes Claros para Nelson Vianna como memória nas comemorações do centenário de Montes Claros...** In: XXI Encontro Regional de História - História, Democracia e

Resistência, 2018, Montes Claros. Anais - XXI Encontro Regional de História - História, Democracia e Resistência, 2018.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. **Memórias em disputas: transformando modos de vida no sertão e na cidade.** Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na História e na Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Cidade.** In: Palavras-chaves. São Paulo: Boitempo, 2007.